

QUESTÕES NATURAIS: CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA NUMA PENTALOGIA DE TERROR

ELIZIANE HERNANDES DA FONSECA¹;
PROF. DRA RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – elizianeherndes@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Minha pesquisa intitulada “Questões naturais: Criação dramatúrgica numa pentalogia de terror” está em fase de qualificação no PPG-A/UFPEL, cuja ênfase é *Arte e Transversalidades*, ou seja articula um pensamento no qual busca-se pensar o Campo da Arte, neste caso a Arte Dramatúrgica, criação do texto e encenação, em relação a outros Campos do Saber. Busca-se compreender a metodologia em cada criação, busca-se identificar as articulações entre os Campos, e em cada pesquisa seus intercessores (nos termos de Deleuze), via a produção de pensamento de autores, artistas e pensadores que, desde diferentes áreas, nos ajudam a produzir e a criar. Como dramaturga e encenadora/diretora, envolvida com a criação e a montagem de uma Pentalogia de Terror “*Coletânea de Questões Naturais*” meu trabalho se dá na Linha de Pesquisa *Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano*. Como o nome indica, a Linha propõe a investigação dos processos de criação artística, no caso deste trabalho com foco nas relações entre a Arte Dramatúrgica e as Artes Visuais (cinema e fotografia; design e arquitetura), através de categorias como sociedade, política e pensamento crítico. Além disso, participam outras linguagens artísticas da produção contemporânea “intermedializadoras” do cotidiano.

A pesquisa neste momento se concentra na exploração da escrita da dramaturgia poética. Para lidar com a escrita dramatúrgica, escrita mediadora da cena teatral, uma escrita intermediária, portanto, faço constantemente uma longa pesquisa em outras narrativas, sejam dramatúrgicas, literárias ou cinematográficas, que tenham explorado o tema do terror ou até mesmo existencialismo, esse grande *topos* da arte ocidental. Também fazem parte da pesquisa preparatória, documentários e livros científicos que tratem de questões como violência, animalidade, existencialismo, mas também material que seja um facilitador da escrita. Conforme o processo de criação da escrita vai evoluindo, outros elementos de outros campos participam tanto da composição das cenas, e da construção dos personagens, quanto do próprio ritmo de cada peça da Pentalogia, como a música, a sonoridade, a oralidade, as palavras ditas, os sons e os ruídos.

Este projeto de escrita envolvendo a criação de cinco espetáculos interligados, a Pentalogia, que exploram diferentes aspectos do terror, parte de um interesse antigo nos temas do poder e da tirania, estudados em narrativas como *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, e *Ricardo III* (1592), de Shakespeare, com foco nas figuras da Rainha de Copas e do Rei Ricardo que eram a pesquisa inicial do mestrado. Deles e agora da pentalogia pretendo atualizar os personagens, permitindo que trouxessem à tona questões da violência, na contemporaneidade.

A Pentalogia de Terror é escrita a partir de clássicos da literatura gótica vitoriana, *Frankenstein* (1818), *O Médico e o Monstro* (1885), *Drácula* (1897), *O Retrato de Dorian Gray* (1890) e *O Homem Invisível* (1897). Embora escritas em época e circunstâncias outras, há nessas narrativas uma força crítico-explicativa, desdobrável em temas contemporâneos vinculados ao terror e à monstruosidade, constitutivos de nossa humanidade. Assim, cada um dos protagonistas dessas narrativas adquire uma identidade contemporânea própria.

Nesta etapa, apoio-me em Renata Pallottini, no livro *O Que é Dramaturgia*, sobre as transformações no campo dramático; no livro *Diálogo: A Arte da Ação Verbal na Página, no Palco e na Tela*, de Robert McKee, explorando o diálogo e sua adaptação entre diferentes formas de escrita. Com o curso "Introdução à Escrita de Histórias de Terror", de María Fernanda Ampuero, aprofundi o conhecimento do gênero de terror, através do conceito freudiano "unheimlich". Autores como Philippe Descola, com *Outras Naturezas, Outras Culturas*, Giorgio Agamben, em *O aberto, homem e o animal*, e Maria Esther Maciel, com *Animalidades: Zooliteratura e os Limites do Humano*, permitem desenvolver questões sobre a animalidade e a dissociação entre seres humanos e animais.

2. METODOLOGIA

Através de abordagem multifacetada, integrando a leitura de obras góticas, a criação de playlists musicais, pesquisas cinematográficas, e reflexões filosóficas e históricas, busco construir as cinco narrativas. A música, como elemento central na criação dramática, desempenha um papel crucial na definição do tom e na construção do ambiente emocional da obra. As playlists criadas para cada uma das peças auxiliam na visualização dos personagens, e orientam o fluxo criativo, transformando ideias dispersas em cenas estruturadas. O som e a frequência sonora evocam emoções e criam atmosferas que direcionam tanto a escrita quanto a encenação.

O processo de pesquisa envolve a busca de palavras-chave no Google e no Spotify, em plataformas de filmes. Em Scotch 33 foi jogado palavras como "culpa", "aceitação", "abandono", "Mary", "Frankenstein", "criatura" e "essência" para encontrar materiais que pudessem ser incorporados dentro da escrita. A

criação de playlists musicais, por exemplo, desempenha um papel essencial ao influenciar decisões e direcionar o processo de escrita, fornecendo o tom emocional e estético necessário para o desenvolvimento das cenas e personagens. Filmes são utilizados como referências, especialmente aqueles que dialogam com as palavras-chave da trama e abordam temas como a criação da espécie humana, a relação entre criador e criatura, rejeição e identidade. O filme *A Filha Perdida* (2021), por exemplo, foi selecionado por sua capacidade de incentivar discussões sobre exaustão, abandono, amor-próprio e culpa, temas que se relacionam diretamente com a trama da peça *Scotch 33*.

Contando com a interdependência entre pesquisa, escrita e encenação, a partir da sala de ensaio e da construção cênica, a abordagem dramática pode ser associada ao conceito de “escritores de palco”, na qual a escrita dramática não é concebida apenas como um texto isolado, mas como parte de um processo contínuo de experimentação e criação, em estreita relação com o trabalho cênico. Ao criar uma peça, tanto a escrita quanto a encenação são componentes fundamentais para dar consistência à narrativa.

A análise da relação entre animalidade e as obras *Scotch 33*, *Muflão* e *O Inquietante* estabelece um diálogo profundo com as questões desenvolvidas por Philippe Descola e Maria Esther Maciel. Suas obras exploram, de maneira distintas, as fronteiras entre humano e animal, a dissociação entre as espécies e as implicações disso na construção das personagens e dos enredos. As peças propõem uma reflexão sobre a animalidade como uma força primordial, desafiando as divisões artificiais entre humanos e não humanos; sobre os limites da ciência e os conceitos de identidade e essência, desafiando as dicotomias entre humano e animal, sugerindo uma visão mais integrada e interdependente entre as espécies; ainda sobre a autodestruição e o canibalismo, na animalidade do ser humano. Intersecções filosóficas e culturais nas obras analisadas enriquecem a compreensão da animalidade e sua relação com a dramaturgia que está sendo desenvolvida na pentalogia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Três obras da Pentalogia foram escritas: *Scotch 33* (2021) / *Frankenstein*, *Muflão* (2024) / *O Médico e o Monstro*, e *O Inquietante* (2024) / *Drácula*. *Scotch 33* recebeu montagem, e a narrativa passou por diversas reescrituras. Cada uma tem conceito definido de cenografia e figurino, com propostas estéticas detalhadas, além de uma playlist musical específica.

Como produção, além das três obras, há também um diário de bordo iniciado em janeiro de 2024, mas que conta com colagens de material escrito desde 2021, ele serve para documentar o processo criativo. Registrando o desenvolvimento das peças desde 2021, reúne recortes, referências e anotações de percepções pessoais, importantes na construção estético-narrativa das obras.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa busca explorar a criação de uma dramaturgia contemporânea, a partir de aspectos e abordagens desenvolvidos pelo campo das Poéticas Visuais, campo para o qual a compreensão do processo é fundamental. O fazer criativo revelando a metodologia de criação empregada, em prol de uma criação mais consciente e da conquista de um meta-discurso. Ao longo do estudo, a dramaturgia se apresenta como um processo em constante transformação, que absorve elementos do cotidiano, do passado e do presente.

No projeto da Pentalogia, há uma busca por uma forma de construção dramatúrgica, onde cada peça se desenvolve a partir da interação entre a escrita e a montagem. Bem como elementos de uma peça se fazem presentes em outra. O diário de bordo, criado para acompanhar o processo criativo, registra as referências e percepções desde o início do processo, em 2021, documentando-o como um todo. A maior ênfase no aprofundamento bibliográfico permitirá melhor definir conceitos como de animalidade, dissociação, monstruosidade, e etc. Esta metodologia alia teoria e reflexão crítica à criação artística, buscando novas maneiras de pensar e de fazer dramaturgia. Assim, o trabalho contribui para ampliar o entendimento da prática dramatúrgica contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto. O homem e o animal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BARTIJOTTO, J. **Sobre o Unheimlich: entre a literatura e a realidade da mídia**. Analytica: Revista de Psicanálise, [S. l.], v. 10, n. 18, p. 1–20, 2021. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4083>> . Acesso em: 20 agosto. 2024.
- DESCOLA, Philippe. **Outras Naturezas, Outras Culturas**. São Paulo: Editora 34. 2016.
- MACIEL, Maria. Esther. **Animalidades: Zooliteratura e os limites do humano**. São paulo: Editora Instante, 2024.
- MCKEE, Robert. **Diálogo: a arte da ação verbal na página, no palco e na tela**. Curitiba: Arte & Letra, 2018.
- PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. São Paulo: Principis, 2019.
- STEVENSON, Robert. Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: Martin Claret, 2021.
- STOKER, Bram. **Drácula**. São Paulo: Martin Claret, 2021.
- WELLS, H.G. **O homem invisível**. São Paulo: Martin Claret, 2020.
- WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Principis, 2020.

Documentos eletrônicos

THE LOST DAUGHTER (A FILHA PERDIDA); Direção: Maggie Gyllenhaal. Distribuição: Netflix . Estados Unidos: , 2021.